

16 FEV 2007

JORNAL DE BRASÍLIA

Grilagem e o fim do Cerrado no DF

O estudo do Embrapa mostrando que, em apenas 46 anos de ocupação, quase metade da vegetação nativa do DF já foi devastada, acende a luz vermelha frente às inquietações com o futuro. Há muito conhecemos detalhes da fragilidade de nosso ecossistema e ouvimos o alerta de autoridades ambientais para os riscos da ocupação desenfreada, só não contávamos com a real dimensão do problema.

As causas são mais do que conhecidas: a

ocupação desenfreada e irregular das terras está levando-as à exaustão. Aqui, o problema não está traduzido no ocupar para plantar e/ou alimentar animais, tão característico da região amazônica. O que presenciamos é o oportunismo sem limites de grileiros que se apropriam como praga da terras públicas, as parcelam e passam adiante, para pessoas que as comprem, muitas vezes, de boa-fé.

Os números estão aí, dando a real dimensão do problema. Se nada for feito, provavelmente chegaremos a índices de

devastação que podem tornar o DF um dos piores lugares para se viver no País. Talvez do mundo.

Temos especificidades que podem corroborar o alarmismo. A questão da água, nosso clima seco e o tipo de cobertura vegetal são como palha na fogueira das ambições desmedidas.

É preciso que nas escolas, em reuniões de sindicatos, associações profissionais, empresas e organizações comunitárias, o tema proteção ao Cerrado seja sempre um

dos focos da discussão.

É preciso cadeia para os grileiros. É preciso parar toda e qualquer nova construção que esteja sendo feita em terreno irregular seja paralisada e derrubada e é preciso um esforço conjunto, longe do proselitismo político, para resolver a questão das ocupações já consolidadas. Grileiros, pragas e interesses políticos passam com rapidez, mas costumam deixar um rastro de destruição que está ficando incontornável.